



Espelho, espelho meu, existe alguém mais forte do que eu? Construção do *Ethos* feminino na política¹

Mônica Xavier TAVARES²

Nadezhda Bezerra BATISTA³

Faculdade Metropolitana da Grande Recife -PE

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo traçar um paralelo entre as mulheres e a sua luta para se tornar aceita no universo político. Mesmo com todos os obstáculos oficiais vencidos e podendo competir em igualdade com os homens nas urnas, às mulheres ainda cabe vencer certas representações sociais cristalizadas pelo tempo e pelo preconceito. A vitória dependerá da imagem construída pela mulher a fim de torná-la digna de credibilidade perante seu público. A partir de dois expoentes de países importantes no cenário mundial, Hillary Clinton (EUA) e Dilma Rousseff (BRASIL), esse trabalho, através da teoria do *Ethos*, mostra como o imaginário social do universo masculino de poder, potencia e força influencia os *ethé* construídos pelas mulheres na política.

PALAVRAS-CHAVE: Esteriotipagem, *Ethos* feminino, Mulher, Política.

INTRODUÇÃO

Política é, por excelência, o lugar da linguagem, pois não há possibilidade de persuasão se não passar por um ato de linguagem. Desse modo, como uma forma de comunicação, a política pode ser pensada a partir das bases retóricas de persuasão já propostas por Aristóteles na Grécia Antiga. É preciso se fazer crer, é preciso se parecer verdadeiro e digno de credibilidade. Eis aí, talvez, qual o grande desafio da mulher na política nesse início do século XXI.

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – **Interfaces Comunicacionais** do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Mestre em Comunicação pela UFPE. Professora dos cursos de Publicidade e de Administração em Marketing da Escola Superior de Marketing e da Faculdade Metropolitana da Grande Recife. Email: mxtavares@yahoo.com.br

³ Mestre em Comunicação pela UFPE, Coordenadora e professora do Curso de Publicidade - FMGR, professora dos cursos de Publicidade e Design AESO- Barros Melo, email: nadezhda_bezerra@yahoo.com.br



Muito se lutou e muito já foi conquistado, do direito ao primeiro voto às primeiras candidaturas, a mulher precisou de tempo e determinação para superar preconceitos e fazer-se presente nas decisões políticas. A luta na contemporaneidade se faz mais fortemente pela conquista de cargos majoritários e ampliação do número de representantes femininas nas casas políticas.

O alcance de cargos executivos requerem uma grande visibilidade e, nesse momento, é que as mulheres precisam trabalhar sua imagem com muita ênfase, pois precisam ainda se mostrarem dignas de exercer tais função e capacitadas para assumir as adversidades que o cargo há de trazer.

As formações discursivas femininas englobam frequentemente temas ditos comuns às mulheres de diferentes raças, crenças ou classe social. Independente de suas diferenças, é senso comum tratar de moda, beleza, sexo, casamento, filhos e profissão. Essa rede semântica está presente em qualquer publicação voltada para esse público, das revistas de fofoca às de meninas adolescentes ou em programas de televisão, todos dizem sobre esses temas. Será se não há possibilidade de existência para as mulheres fora dessa ordem discursiva?

Este é um grande debate, pois temas como “a última tendência de moda da estação” ou “o que fazer para reconquistar o marido” são, por natureza, assuntos incompatíveis com a política. Essa diz respeito às coisas sérias, aos percursos que a sociedade tomará nos anos seguintes. Política concerne sobre a vida do homem em coletividade e foge, dessa forma, do universo privado ao qual frequentemente estão reservadas as mulheres.

Surge aí um conflito entre interesses públicos e privados. As mulheres, sempre para seus maridos e filhos, ficaram alojadas da construção do espaço público. O que é de casa seria de interesse delas. A eles competiria ganhar o mundo, ir à guerra, trabalhar e ser responsável pelo pleno desenvolvimento da sociedade. Se, depois da revolução feminina, a mulher também ganhou as ruas, há ainda fatores que precisam ser conquistados. É preciso dizer com palavras, gestos e pela construção da imagem que as mulheres são capazes de construir o espaço social sem um conflito privado com filhos, sapatos da moda ou casa para cuidar.

O grande paradoxo da política no universo feminino é suplantando essa dicotomia entre o público e o privado. Tal incompatibilidade também é responsável pelo comedimento no uso da emoção no discurso das mulheres. Ao ambiente privado, estão reservadas as dores e as emoções. É permitido chorar e mostrar-se mais desnudamente.



Na rua, é preciso ser forte, mais duro para enfrentar as adversidades e não se deixar vencer – lugar esse historicamente reservado aos homens que desempenharam o papel do macho forte, protetor e destemido. Papeis sociais em redefinição na sociedade moderna levam as mulheres às ruas e aos palanques, mas o que esperar delas nesse novo caminho?

Cabe às mulheres na cena política vencer o binômio privado/emoção. Isso implica, entre outras coisas, a superação de quaisquer fatores indicativos do ambiente doméstico. Restam apenas as ruas para conquistar, mas é preciso mostrar-se forte o suficiente para enfrentar o ambiente hostil e difícil representado pelo espaço público, sob julgamento de todos.

Diante da platéia, sob olhares atentos e contundentes, as mulheres precisam construir uma imagem de si que convença sobre sua performance no ambiente público. É preciso mostrar-se capaz de superar desafios, forte para enfrentar as incertezas próprias do ambiente externo, rígidas nas decisões, segura nas ações. Mais do que ser tudo isso, é preciso parecer ser para convencer.

Metodologia

Para realização deste artigo foram analisados vídeos e matérias jornalísticas que têm como temática a postura pública da ministra da Casa Civil Dilma Roussef em 2009 e a atitude da candidata à presidência dos EUA, Hilary Clinton, durante uma entrevista coletiva em 2008.

As análises se deram pelo viés da construção de imagem do sujeito político - *Ethos*. O estudo dos referidos *Ethos* resultou em duas categorizações: Fortaleza e Potência. A base teórica foram autores que têm como objeto o discurso, tais como: Amossy (2008), Charaudeau (2006) e Maingueneau (2006), além da arte retórica de Aristóteles. Essas categorias foram colocadas como fundamentais para a percepção do eleitorado e sua credibilidade no gênero feminino em uma campanha política.

Mulheres x Política – uma relação histórica

A biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta que nos preocupa: por que a mulher é o Outro? Trata-se de saber como a natureza foi nela revista através da história: trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana. (BEAUVOIR, 1980a, p. 57)



Durante vários séculos as mulheres não passaram de sombras na sociedade. Tratadas como seres inferiores, meras reprodutoras e destinadas às tarefas de cunho menos importante, as mulheres sempre viveram sob o julgo e domínio masculino.

A dinâmica da sociedade, porém, proporcionou em pequenos espaços de tempo, discussões sobre a mulher e o seu papel. O acesso, mesmo que restrito, aos estudos, adventos como guerras e revoluções, foram pouco a pouco projetando a mulher para além da sombra em que se enclausurava e a levando a ocupar papéis antes restritos aos homens.

O militar, o religioso, o político, como as três ordens da Idade Média, constituem três santuários que fogem às mulheres. Núcleos de poder, são só centros de decisão, real ou ilusória, ao mesmo tempo que símbolos da diferença dos sexos. (PERROT, 1998, p.117)

Uma das grandes questões levantadas por Beauvoir (1980b) é a crença na construção da identidade feminina através dos costumes e hábitos de uma sociedade. A autora existencialista afirmava ser o corpo da mulher um dos elementos essenciais para a ocupação desta no mundo, porém não o único, não o definitivo.

Hoje, século XXI, ano de 2010, temos um contexto bem diferente dos séculos passados, que permitem à mulher ocupar um espaço bem maior na sociedade em que vive, podendo inclusive exercer cargos políticos importantes, quando há tempos atrás sequer tinha direito ao voto. Mas a que preço ela alcançou esses direitos e o que tem de fazer para fazê-los valer?

Uma das mais importantes personalidades femininas do século XIX e da luta revolucionária, Flora Tristan, segundo Perrot (1998), só pôde penetrar na Câmara dos Comuns vestida como homem, uma vez que, nesta época, a participação da mulher na ordem pública era bastante restrita.

Mesmo tendo de se travestir de homem algumas vezes para penetrar no universo masculino, as mulheres não se intimidaram. Na Inglaterra de 1825, surgiu o primeiro manifesto pelos direitos femininos, já na Alemanha e Suécia as reivindicações pediam transformações na família, na mudança ou abolição do casamento, no direito a ter filhos fora do casamento, mais do que direitos políticos, e assim em cada canto, na mesma época ou em períodos diferentes, as vozes femininas foram aumentando de volume e se fazendo ouvidas cada vez mais, com mais força e com maior poder de transformação.



Os movimentos pela libertação das mulheres, por direitos sociais e políticos, foram eclodindo aos poucos em diversas partes do mundo. O feminismo popular, por exemplo, nasceu na França na primeira metade do século XIX quando as feministas clamavam pelo acesso às escolas secundárias, bem como direitos políticos e econômicos.

Ao tratar do feminismo é necessário comentar sobre outro movimento anterior: o sufrágismo, ou seja, o direito ao voto, a participação política, que anteriormente ao feminismo estava condicionada ao sexo e a renda. O grande marco do sufrágismo instala-se na Convenção dos Direitos da Mulher em Seneca Falls (Nova Iorque, EUA), a partir daí, várias convenções foram sendo realizadas atraindo cada vez mais adeptos. Após muita luta, prisões de militantes, e, sobretudo resistência, em setembro de 1920 houve a ratificação da 19ª Ementa Constitucional concedendo o voto à mulher. Já havia se passado 72 anos desde a Convenção em Seneca Falls.

De forma semelhante aos Estados Unidos, a busca pelo direito ao voto na Inglaterra também precisou de muito esforço e perseverança, contudo a etapa final apresentou características mais violentas. No ano de 1865 foi apresentado ao parlamento Inglês um projeto de lei liberando o voto feminino. Em 1866 é fundado em Manchester o Comitê para o Sufrágio Feminino. O movimento sufragista inglês foi marcado por muitas prisões, greves e protestos. Em meados de 1913 há uma divisão entre as militantes, de um lado estão as pacifistas, do outro as suffragettes, mais radicais em seu métodos.

Finalmente em 1928 as inglesas conquistaram o direito ao voto. Já no Brasil a luta pelo voto das mulheres pode ser considerada mais pacífica. Apesar de já na época do Império alguns juristas terem tentado legalizar o voto feminino, e da Constituição Republicana de 1889 possuir uma medida dando direito às mulheres de votar (posteriormente abolida na última versão da medida), no Brasil o movimento sufragistas só criou força em 1910, quando a professora Deolinda Daltro fundou no Rio de Janeiro o Partido Republicano Feminino.

A luta foi levada adiante em 1914 com a fundação da Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher por Bertha Lutz. No ano de 1927 o voto feminino foi legalizado no Rio Grande do Norte, o primeiro estado brasileiro a fazê-lo, e teve como primeira eleitora registrada Celina Guimarães Viana. Em 1933 todo o Brasil já recebia o voto das mulheres representadas na Constituição de 1934 pela primeira Deputada do Brasil: Carlota Pereira de Queirós.



Percebe-se, desse modo, que a história das mulheres e da política nunca foi fácil, pois elas sempre precisaram conquistar seus espaços a partir da luta e da emancipação política, social e cultural. Cada um desses passos foi importante para que hoje as mulheres concorram em pé de igualdade com os homens, porém, uma história de segregação não some em pouco tempo. Há ainda outras lutas, menos visíveis, que precisam ser vencidas na conquista do voto. Como devem ser então as mulheres para alcançar o sucesso nas urnas? Como as mulheres devem agir e se comportar para vencer as últimas barreiras de preconceitos ligadas às imagens delas?

A construção da imagem de si – Ethos

Na antiguidade clássica, Aristóteles, na arte da retórica, afirma que a relação entre o sujeito que fala e o seu auditório é bem mais complexa do que se imagina. Na busca do convencimento, é necessário trazer o outro para o universo discursivo daquele que diz, portanto, é importante tocar/ sensibilizar a audiência. O orador deve mostrar-se digno de fé, capaz de despertar a credibilidade e confiança, pois, só assim, a persuasão se completará.

A relação entre auditório e orador é determinada por três fatores: ethos, pathos e logos. O primeiro diz respeito ao sujeito que enuncia; o segundo relaciona-se ao auditório e a forma que ele percebe aquele que fala; o último diz sobre a parte racional e argumentativa do discurso. Essa relação aristotélica, proposta em seu tempo como uma forma de interação direta, pode ser ampliada, nos tempos modernos, para quaisquer outras formas de comunicação mediada – da entrevista na revista ou no rádio, aos comícios ou ao debate televisivo – todos são formas em que se estabelece a necessidade de persuasão e interação com seu público.

O ethos – a imagem que o orador constrói de si – deve ser entendida, segundo Maingueneau (2006), como uma construção discursiva, ou seja, é uma imagem construída no momento da enunciação, portanto, essa concepção aristotélica nada diz sobre o “caráter” ou a personalidade de uma pessoa como comumente é associado. Há de se perceber o ethos como uma construção do locutor no momento em que esse se comunica com seu público.

Quando falamos tentamos necessariamente ser percebido como verdadeiros, faz parte da essência humana a necessidade de crer, porque não haveria outra maneira de continuar a existência se não pelas crenças mais banais. A vida já é em si extremamente



caótica e desconexa, pois o sujeito dividido de Lacan precisa encontrar meios que estabilizem a multiplicidade de sentidos. Charaudeau (2006) diz que “há uma espécie de desejo de essencialização, tanto da parte do locutor quanto da do interlocutor nessa busca de sentido do discurso”.

Como a política é essencialmente um ato de linguagem, como dito anteriormente, é preciso que o sujeito político na busca pela persuasão e na tentativa de “tocar” e conquistar sua audiência construa uma imagem de si que se faça forte o suficiente para que esse público se identifique com a pessoa do orador e reconheça suas palavras como verdadeiras.

O ethos está ligado, como diz Charaudeau (2006), a um “cruzamento de olhares”, uma troca de olhar entre os interlocutores – olhar do que fala sobre a forma como acha que é percebido pelo seu público e o olhar do que escuta sobre aquele que fala. Seria ingenuidade pensar, dessa forma, que as representações construídas pelo público se dão exclusivamente no ato da enunciação. Maingueneau (2006) diz que há o ethos discursivo e o ethos pré-discursivo. O primeiro se dá no momento da fala, a partir do comportamento e do que o sujeito político fala e diz na tentativa de conquistar sua audiência; o segundo diz respeito às imagens pré-construídas que o público tem do orador – o que já se ouviu e se viu do político. Esse pensamento do ethos é bem resgatado por Charaudeau (2006) quando afirma que:

O sujeito aparece, portanto, ao olhar do outro, com uma identidade psicológica e social que lhe é atribuída, e, ao mesmo tempo, mostra-se mediante a identidade discursiva que ele constrói para si. O sentido veiculado de nossas palavras depende ao mesmo tempo daquilo que somos e daquilo que dizemos. O ethos é resultado dessa dupla identidade, mas ele termina por se fundir em uma única. (CHARAUDEAU, 2006, p. 115)

Percebe-se assim que especialmente os sujeitos políticos precisam trabalhar a imagem que constroem de si e devem ter em mente que essa será percebida não só no momento em que esse se pronuncia, mas também na interseção daquilo que já foi dito e tomado como verdade pelo público, na imagem pré-construída ao discurso.

Para as mulheres na política essa é uma dupla verdade, pois, para elas, é preciso se fazer crer não só pelo que elas enunciam e argumentam em suas proposições políticas como também devem se tornar possíveis de crença em decorrência de toda a imagem previamente construída a partir da sua condição de gênero feminino. Ou seja, para as mulheres não cabe apenas a discussão sobre os melhores programas de governo, mas também têm que se fazer crer por e apesar de ser mulher.



Às mulheres, por tanto tempo alijadas do processo político, cabe construir suas imagens baseadas em dois pilares: a sua argumentação enunciativa pela qual elas desejam criar e/ou reforçar a adesão do público; e a imagem prévia que o auditório lança sobre ela. Ou seja, a construção do ethos não depende apenas do locutor (I) em uma troca verbal como proposto pelo pragmático Ducrot (1987), mas, em uma visão mais sociológica, amparada por Maingueneau (2006), está nas relações sociais interior e exterior ao discurso. Portanto essa imagem só se constrói de fato no cruzamento com o auditório, na forma como esse percebe, confirma ou refuta o ethos pretendido pelo orador.

Amossy (2008) afirma, na verdade, que essas duas correntes se complementam e sustenta sua tese por meio das crenças compartilhadas entre auditório e orador. Nesse caso, um não se constrói sem o outro, pois, como em uma troca de olhares, a interação entre orador e audiência dependerá da imagem que fazem um do outro. É preciso buscar representações prévias que cada um faz para encontrar os meios mais eficientes da argumentação.

A importância atribuída ao auditório acarreta naturalmente a insistência no conjunto de valores, de evidências, de crenças, fora dos quais todo diálogo se revelaria impossível (...) o orador apóia seus argumentos sobre a doxa que toma emprestada de seu público do mesmo modo que modela seu ethos com as representações coletivas que assumem, aos olhos dos interlocutores, um valor positivo e são suscetíveis de produzir nele a impressão apropriada às circunstâncias. (AMOSSY, 2008, p. 124-125)

Na política, as mulheres logo percebem que é preciso vencer algumas representações previamente estabelecidas pela sociedade. Recordando o início desse trabalho, os anos de lutas e algumas conquistas não foram capazes de apagar o tempo de exclusão e crenças fortemente ancoradas em uma sociedade ainda patriarcal e sexista. Valores arraigados pelo tempo dificultam a construção dos *ethé* feminino na política.

São muitas as idéias pré-concebidas referentes ao universo feminino. Pela sua própria condição de dar à luz e cuidar da prole, às mulheres, estão reservadas as questões domésticas. O universo privado propicia mais emoção, sensibilidade e, em um sentido reverso, fraqueza e fragilidade para lidar com as questões mundanas. As mulheres, dessa forma, chorariam mais, não teriam força para lidar com grandes adversidades, seriam contrárias às guerras e frequentemente se preocupariam mais com questões banais e sem importância coletiva. Esses assuntos ditos “mais importantes” sempre foram reservados aos homens, à sua força física e emocional. Portanto, é



compreensível que toda e qualquer tentativa de construção do ethos pelas mulheres não escapa a essas idéias sedimentadas pela sociedade. A teoria da estereotipagem discursiva de Amossy (2008) sustenta essa posição ao afirmar que

A estereotipagem é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim, a comunidade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida e no interior da qual ela o classifica. (AMOSSY, 2008, p. 125-126)

Quais predicados são necessário às mulheres para construir uma imagem de si digna de credibilidade na política? Que atributos são necessários adicionar ao ethos feminino capaz de vencer a estereotipagem há muito estabelecida? Esse é o grande desafio das mulheres nas disputas políticas contemporâneas mundo afora. Não importa se é para concorrer a um cargo executivo ou legislativo, a elas, cabe superar a imagem pré-concebida de seu auditório pela sua condição de mulher.

Amossy (2008, p. 126) diz que o “orador adapta sua apresentação de si aos esquemas coletivos que ele crê interiorizados e valorizados por seu público-alvo”. As candidatas femininas sabem bem disso ao tentarem construir para si imagens mais historicamente ligadas ao universo masculino, pois sabem que essa é a referência esperada pelo seu auditório. É preciso fazer que os olhares do orador e do seu público se cruzem, que um se espelhe no outro para que o ethos construído tenha o efeito desejado.

O ethos político deve, portanto, mergulhar nos imaginários populares mais amplamente partilhados, uma vez que deve atingir o maior número, em nome de uma espécie de contrato de reconhecimento implícito. O ethos é como um espelho no qual se refletem os desejos uns dos outros. (CHARAUDEAU, 2006, p. 87)

Dessa forma, o ethos construído na política deve buscar uma identificação com as crenças do público a fim de conquistar o maior número possível de pessoas. Só assim, o sujeito político (no caso a mulher) será digno de credibilidade e legitimado pela população.

Os tipos de Ethos

Eis abaixo apenas alguns dos ethé construídos pelas mulheres na busca de persuadir seu auditório o qual, já cheio de representações prévias, espera encontrar nos sujeitos políticos femininos os mesmos atributos com os quais se familiariza e julga



necessário para o pleno desempenho nos cargos públicos. Para essa análise, dois perfis femininos foram escolhidos:

HILARY CLINTON (EUA)

Nascida em 26 de outubro de 1947 em Chicago, Illinois, EUA, Hilary Clinton militou no Partido Republicano ainda no colegial, aproximando-se dos democratas nos anos 60. Iniciou a carreira profissional como advogada, chegando a ficar entre as 100 mais influentes do país entre 1988 e 1992. No período de 1979 a 1981 e 1983 a 1992 foi 1ª dama do Arkansas. De 1993 aos anos 2000 foi 1ª dama dos EUA. Em 2000 mudou-se para NY e elegeu-se senadora. Em 2008 candidatou-se à presidência dos EUA perdendo para Barack Obama que a convidou para o cargo de Secretária de Estado, o segundo cargo mais importante do país. (UOL BIOGRAFIAS)

DILMA ROUSSEF (BRA)

Nascida em 14 de dezembro de 1947, Dilma Rousseff, aos 16 anos começa a militar como simpatizante da Organização Revolucionária Marxista. Fez Faculdade de Ciências Econômica de Minas Gerais. Dedicou-se à luta armada no Brasil Ditatorial e foi presa de 1970 a 1973. Em 1979 filia-se ao PDT e ocupou diversos cargos políticos: secretaria da fazenda da prefeitura de Porto Alegre (1986 -1989), presidente da fundação de economia e estatística do estado do Rio Grande do Sul (1991-1993) e secretaria de estado de energia, minas e comunicações em 2 governos: Alceu Collares e Olívio Dutra. Em 2001, filia-se ao PT e coordena a a equipe de infra-estrutura do governo de transição entre Fernando Henrique e Lula. Ministra de Minas e energia entre 2003 e junho de 2005 e ministra-chefe da casa civil em 2005. (POZZEBOM, s/d)

Ethos de Fortaleza

Fortaleza é por definição um lugar fortificado no qual as entradas são protegidas pela sua construção imbatível e intransponível. O que ou quem está dentro é protegido de ataques externos e tem um lugar seguro no meio da batalha. Na política, a analogia das mulheres com uma fortaleza é constantemente lembrada. A elas, cabe construir uma imagem sólida e forte o suficiente para agüentar todas as adversidades apresentadas na sua trajetória política.

Como dito anteriormente, ao deixar os espaços privados e ganhar as ruas, as mulheres precisam, para provar sua credibilidade, mostrar-se com força e garra suficiente para enfrentar o mundo. É preciso provar que está pronta para vencer e que o universo doméstico com suas particularidades ficou para trás. Elas competem com os homens e a força própria desse universo.

Os eleitores, por outro lado, hão de apoiar aquele que passa credibilidade e segurança suficiente para comandar o país, cidade ou estado. E como o orador precisa adaptar seu discurso e imagem ao auditório e às suas representações, as mulheres



mostram-se inabaláveis como uma fortaleza. Mostram-se seguras nas decisões e dão certeza de sua capacidade de liderança.

O cargo de Ministra-chefe da Casa Civil foi ocupado por Dilma Roussef de 2005 a 2010 e representa o posto mais importante dentro do presidencialismo. As atribuições básicas da Casa Civil envolvem assessoramento direto do Chefe do Poder Executivo na coordenação de ações de governo, inclusive de outros ministérios e por essa característica é o que sofre mais ataques e precisa ser mais forte para contornar as adversidades e embates típicos dos mais diversos interesses do regime democrático. A própria função requer uma habilidade típica dos que chefiam e coordenam interesses conflitantes.

Dilma Roussef afirmou em entrevista que “o difícil não é meu temperamento, mas minha função. Eu tenho de resolver problemas e conflitos. Não tenho descanso. Não sou criticada porque sou dura, mas porque sou mulher. Sou uma mulher dura cercada por ministros meigos” (LEITÃO e LEITE, 2009). Percebe-se, dessa forma, o peso que recai sobre as mulheres na tentativa de mostrar-se forte o suficiente na administração dos conflitos.

Na vida pessoal, a ministra também precisou mostrar-se inabalável diante de outras ameaças. Em abril de 2009, Dilma Roussef anuncia que está em tratamento quimioterápico contra um tipo de câncer no sistema linfático. Já havia então pura expectativa de que ela seria a candidata à presidente da república em 2010 e, por isso, a doença toma conta das mídias e opinião pública. Mas desde a coletiva oficial dada pela ministra em abril daquele ano, ela já enfatizava que tinha mais de 90% de chance de cura e que iria seguir sua rotina de trabalho normalmente. Em pesquisa pelo instituto Datafolha, publicado pelo jornal Folha de S. Paulo (2009), 81% dos entrevistados aprovaram a coragem e a iniciativa de Dilma ao anunciar publicamente a doença. Uma fortaleza precisa se mostrar erguida para enfrentar os desafios, sem se mostrar com possíveis brechas para tombarem. Dilma Roussef constrói sua imagem de fortaleza e que não há ameaça essa que a abale. Ao afirmar, por exemplo, que uma gripe seria mais inconveniente (FOLHA S. PAULO, 2009), Dilma atesta sua determinação e mostra-se mais forte que o suficiente e digna de credibilidade para exercer suas funções públicas.

Nos Estados Unidos, quando ainda era primeira-dama, Hillary Clinton enfrentou as denúncias de traições e infidelidades do então presidente, Bill Clinton (Caso Mônica Lewinsky, 1998). No meio do turbilhão de denúncias e instabilidades políticas que o marido sofria, a postura da primeira dama foi de manter-se sempre forte



e firme diante das acusações de assédio sexual. Ela construiu para si uma imagem de fortaleza quando mostrou que nem questões domésticas poderiam abalar sua imagem pública. Nenhuma ameaça balançou as estruturas emocionais de Hillary Clinton e que, por conta disso, emergiu a Hillary política e posteriormente eleita senadora pelo estado americano de Nova Iorque (2000). Essa eleição marcou a primeira vez que uma ex-primeira-dama concorreu a um cargo público e foi também a primeira vez que uma senadora foi eleita pelo estado de NY.

Ethos de Potência

O ethos de potência é uma força que emana da natureza, vem de dentro e impulsiona o ser à ação. É a força propulsora que mostra determinação no agir, vontade de fazer e de mostrar resultados. É o que faz o “arregaçar de mangas” e torna a palavra em ação. Segundo Charaudeau (2006), essa imagem está mais historicamente ligada aos universos masculino, por possuir essa força embalada em uma figura de virilidade. No entanto, sabendo do que provoca no auditório essa força irrefreável, as mulheres também se utilizam dessa imagem ao mostrar-se fortes e determinadas a irem até o fim nas suas trajetórias. Para elas, não pode haver obstáculos que impeçam o caminhar. É preciso ser forte até o fim, por maior que sejam as adversidades.

Somente assim, o auditório reconhecerá nelas um exemplar digno de assumir os cargos públicos almejados, pois esses, nas suas representações, não são fáceis de lidar, requerem força e atitude firme diante dos problemas. O orador será digno de crédito se mostrar-se que é ativo, presente em todas as frentes.

Dilma, quando do anúncio do câncer, precisou dizer várias vezes que sua caminhada não seria interrompida jamais, não importa se era uma doença agressiva e perigosa. As falas da ministra abaixo atestam a sua determinação em agir.

Os médicos me asseguraram que as consequências da quimioterapia não são problemáticas, eu posso continuar com meu ritmo de trabalho. (Roussef, 2009).

Eu tenho certeza também que vou ter um processo de superação desta doença. (Roussef, 2009).

Nós, brasileiros temos este hábito de sermos capazes de enfrentar obstáculos. (Roussef, 2009).

Vocês verão que o meu ritmo de trabalho não vai ter nenhuma diminuição. (Roussef, 2009).

Nesses quatro momentos selecionados da entrevista coletiva, Dilma Roussef reitera que sua vida continuará a mesma independente do câncer. Aqui também há uma



dicotomia entre o público e o privado, pois as doenças estão reservadas ao espaço doméstico e, por isso, as mulheres, por precisarem vencer as representações próprias desse espaço, precisam se mostrar ainda mais forte que as doenças e as dores. Como afirma a ministra, ela tem certeza de que irá superar essa questão. Sua jornada não será interrompida, que os obstáculos serão vencidos com potência de quem não há de parar, não importa o desafio.

Já Hillary Clinton provou sua força e potência pelo caminho contrário. Mostrou-se forte justamente quando chorou em público. Em 2008, às vésperas das eleições das primárias de New Hampshire, todas as pesquisas americanas davam como certa a vitória de Barack Obama. Era um estado importante que precisava ser ganho nas prévias do Partido Democrata para saber quem seria o candidato a presidente. Quase cartas marcadas, há dois dias das eleições, Hillary deu uma entrevista para a rede de TV americana ABC em que foi questionada como ela agüentava tanta pressão. Por poucos instantes, ela embargou a voz, enxugou uma lágrima discreta e disse o quanto era difícil. Abaixo as frases de Clinton que mostram esse momento.

Não é fácil. E eu não poderia fazer isso se não acreditasse apaixonadamente que essa é a coisa certa a fazer. (CLINTON, 2008).

É muito pessoal para mim. Não é só política, não é só o público. Eu vejo o que está acontecendo...algumas pessoas pensam que eleição é um jogo. (CLINTON, 2008).

É sobre nosso país, é sobre o futuro de nossas crianças (...) eu acredito fortemente em quem nos somos como uma nação. (CLINTON, 2008).

A reação foi imediata e as mídias não deixaram passar o episódio. Bombardieri (2008) em reportagem para o jornal Boston Globe (08 jan 2008) afirmou que “O momento vulnerável mostra Hillary sob uma outra ótica”. Um outro candidato concorrente nas primarias do Partido Democrata, John Edward, comentou sobre o choro que o que um Comandante Supremo precisava era de força e decisão. Campanhas presidenciais são assuntos pesados e difíceis e que assim também eram os assuntos presidenciais, como lembra Bombardieri (2008). O comentário do adversário expõe a necessidade de imagem de forte que as mulheres têm de construir.

A reação da população ao choro foi antagônica ao comentário de John Edward. Percebeu-se, naquele momento, uma Hillary humana, com sentimentos. Estavam acostumados à fortaleza e, por poucos segundos, veio à tona uma mulher humana, com sentimentos e paixões. O resultado foi a incrível vitória de Hillary nas primárias de New



Hampshire, quando sua derrota era tida como certa. A imagem que Hillary construía em toda sua trajetória política foi tão dura, tão forte e inabalável que seu momento de “desaceleração” foi visto como algo positivo e aceitável. O choro representou, não um sinal de fraqueza como poderia ser, inclusive pela insinuação de John Edward, mas representou o espelho de uma pessoa que é humana e, que de tão forte, pode, às vezes fraquejar na dura caminhada. Mas logo voltará à sua jornada. A lágrima foi a redenção da potência Hillary.

Mais tarde, quando perguntada sobre sua demonstração de emoção, Hillary afirmou, como atesta Bombardieri (2008), diz que se emocionou porque a entrevistadora a surpreendeu com uma pergunta sobre o seu bem-estar. A candidata afirmou que foi tocante porque ela era muito reservada e alguém que estava acostumada a manter certas distancias já que ela queria ser julgada sempre pelo seu trabalho. O ethos de potência se mostra por inteiro aí. Hillary Clinton, provou pelo choro, o quanto sua trajetória tinha sido forte e inabalável e o quanto ela estava preparada, com toda sua potência, para mostrar os resultados que os estados Unidos precisavam. Pelo menos naquelas primárias de New Hampshire.

CONCLUSÃO

Desde 1927, quando o Brasil recebeu o primeiro voto feminino, muitas foram as conquistas das mulheres na esfera pública, em especial na política, mas ainda há muitas barreiras a serem vencidas. Uma delas é o *ethos* da fragilidade feminina, construído e disseminado ao longo do tempo pelo lugar de discurso da mulher: o seu lar, o espaço privado.

Neste sentido, através deste artigo, mostramos que para se fazer presente na política, ocupando cargos de liderança e conquistando a confiança do eleitorado a mulher precisa tomar para si, a credibilidade historicamente atribuída ao universo masculino: força, determinação, decisão e coragem. A construção dos *ethé* de fortaleza e potência permite à mulher circular mais livremente no espaço público e se tornar possibilidade confiável aos olhos do público para governar e comandar esses mesmos espaços.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMOSSY, R. **Imagens de si no discurso. A construção do ethos.** São Paulo: Contexto, 2008.
- BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo: a experiência vivida.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980a.
- _____. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980b.
- BOMBARDIERI, M. **Vulnerable moment shows Clinton in different light. The Boston Globe On Line.** Boston, 08 jan 2008. Disponível em: <http://www.boston.com/news/nation/articles/2008/01/08/vulnerable_moment_shows_clinton_in_different_light/>. Acesso em: 15 abr 2010.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso Político.** São Paulo: Contexto, 2006.
- CLINTON, H. **In: Hillary Clinton Tears Up During Campaign Stop. Entrevista ABC News.** (08 jan 2008) Disponível em:<<http://www.youtube.com/watch?v=6qgWH89qWks&feature=related>>. Acesso em: 18 abr 2010.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito.** Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.
- ELEITOR ELOGIA O ANÚNCIO DO CÂNCER, MAS TEME DOENÇA. **Folha de S. Paulo On Line.** São Paulo, 31 mai 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc3105200908.htm>>. Acesso em: 05 abril de 2010.
- LEITE, P. M.; LEITÃO, M. **Não briga agora, Dilma. Revista Época.** Rio de Janeiro, ed. 582 (09 jul 2009). Disponível em:<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI81918-15223,00-NAO+BRIGA+AGORA+DILMA.html>> Acesso em 12 abr 2010.
- MAINGUENEAU, D. **Cenas da Enunciação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PERROT, M. **Mulheres públicas.** São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.
- POZZEBOM, F.R. **Dilma Rousseff Bibliografia.** UOL Educação. São Paulo. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/dilma-rousseff.jhtm>>. Acesso em 02 abr 2010.
- ROUSSEFF, D. **In: Entrevista coletiva Rede Globo.** (25 abr 2009) Disponível em:<<http://www.youtube.com/watch?v=0ABS0y7FXrk>>. Acesso em: 17 abr 2010.
- UOL EDUCAÇÃO. **BIOGRAFIAS. Hillary Clinton.** Disponível em:<<http://educacao.uol.com.br/biografias/hillary-clinton.jhtm>>. Acesso em 02 abr 2010.